

G. W. Leibniz

Carta a Nicolas Rémond

Hanover, 4 de novembro de 1715

Acabo de receber sua encomenda e agradeço os interessantes artigos que o senhor compartilhou comigo. Nada afirmo sobre a questão homérica, mas como, após os livros sagrados é ele o mais antigo de todos os autores cujas obras chegaram até nós, desejaria que as dificuldades históricas e geográficas que a Antigüidade suscitou acerca de suas obras e, principalmente, sobre a Odisséia, fossem esclarecidas quanto à antiga geografia: porque fantásticas como são as viagens de Ulisses, é certo, todavia, que Homero o enviou a territórios dos quais se falavam em seu tempo, mas que é difícil de reconhecer atualmente.

Passo a considerar, agora, os artigos filosóficos que dizem respeito ao reverendo Malebranche (cuja perda muito lastimo) e que buscam esclarecer a teologia natural dos chineses. A refutação deste sistema do reverendo, composta de três pequenos volumes, sem dúvida, é obra de um homem brilhante, pois é hábil e claro.¹ Eu aprovo algo dela, mas uma parte é exagerada. Mostra-se muito distante das opiniões de Descartes e do reverendo Malebranche, mesmo quando fazem sentido. É tempo de deixar de lado essas animosidades que os próprios cartesianos talvez tenham atraído ao demonstrarem muito desprezo para com os antigos e com a Escola, na qual há, todavia, também idéias sólidas que merecem nossa atenção. Assim, deve-se fazer justiça a ambos os lados e beneficiar-se das descobertas. Assim como se tem o direito de rejeitar o que quaisquer dos lados tenha adiantado sem fundamentação.

1) É correto refutar-se os cartesianos quando afirmam que a alma nada mais é que pensamento, da mesma forma quando afirmam que a matéria nada mais é que extensão. Pois a alma é um sujeito ou algo concreto que pensa e a matéria é um sujeito extenso, ou dotado de extensão. Este é o motivo pelo qual sustento que não há razão em confundir-se o espaço com a matéria, embora admita que, naturalmente, não há espaço vazio. A Escola está certa ao distinguir os concretos dos abstratos, quando se trata de exatidão.

2) Concordo com os cartesianos quando afirmam que a alma pensa sempre, mas não admito que a alma é consciente de todos os seus pensamentos. Pois nossas grandes percepções e nossos apetites, dos quais nós próprios estamos conscientes, compõem-se de

¹ Leibniz refere-se à obra *Réfutation d'un nouveau système de métaphysique proposé par le Père Malebranche*, 1715, de autoria de Rodolphe du Terter.

uma infinidade de pequenas percepções [*petites perceptions*] e pequenas inclinações, das quais não podemos estar conscientes. E é nas percepções insensíveis que se encontra a razão disto ocorrer em nós, assim como a razão para o que ocorre nos corpos sensíveis consiste em movimentos insensíveis.

3) Certamente é correto refutar o reverendo Malebranche neste particular, quando sustenta que a alma é puramente passiva. Creio ter demonstrado que toda substância é ativa e especialmente a alma. Esta também é a opinião dos antigos e modernos, e a Entelúquia aristotélica que tem causado tanto alvoroço, nada mais é que força ou atividade, isto é, um estado a partir do qual a ação decorre naturalmente, se nada a impede. Mas a pura matéria primária considerada sem as almas ou vidas que a elas estão unidas, é puramente passiva. Também falando estritamente, não é uma substância, mas algo incompleto. E a matéria segunda (como, por exemplo, o corpo orgânico) não é uma substância, mas por outra razão: trata-se de uma pluralidade de outras substâncias, tal como um lago repleto de peixes ou um rebanho de ovelhas e, conseqüentemente, é o que se pode denominar *unum per accidens*² – em uma palavra, um fenômeno. Uma substância verdadeira (tal como um animal) é composta de uma alma imaterial e um corpo orgânico, e é o composto destas duas que se denomina *unum per se*.³

4) No que diz respeito à eficiência das causas secundárias, novamente é correto sustentá-la contra a opinião deste reverendo. Demonstrei que toda substância ou mônada (tais como as almas) segue suas próprias leis, produzindo suas ações sem poder ser perturbada pela influência de outra simples substância criada: e que assim os corpos não mudam as leis ético-lógicas das almas, assim como as almas não mudam tampouco as leis físico-mecânicas do corpo. Este é o motivo pelo qual as causas secundárias realmente agem, mas sem qualquer influência de uma simples substância criada sobre outra; e as almas se ajustam com os corpos e entre elas em virtude da harmonia pré-estabelecida e não por uma influência física mútua, exceto a união metafísica da alma e seu corpo que as fazem compor um *unum per se*, um animal, um ser vivo. Por isso, é correto refutar a opinião daqueles que negam a ação das causas secundárias; mas isto deve ser feito sem reviver as falsas influências, tais como as espécies da Escola.

5) O reverendo Malebranche utilizou este argumento: que a extensão, não sendo um modo de ser da matéria, deve ser sua substância. O autor das *Refutações* distingue (Vol. 1, p.91) entre os modos puramente negativos do ser e os modos positivos do ser; e afirma que a extensão é um dos modos de ser de segunda classe, que ele acredita poder ser concebido por si mesmos. Mas não há modos positivos de ser, todos eles consistindo na

variedade de limitações e todos podem apenas ser concebidos através do ser que eles são os modos e meios. E quanto à extensão, pode-se afirmar que não é um modo de ser da matéria e que tampouco é uma substância. “O que é ela, então?”, dirá o senhor. Respondo que é um atributo das substâncias e há uma enorme diferença entre atributos e modos de ser.

6) Todavia, parece-me que o autor das *Refutações* particularmente não combate bem a opinião dos cartesianos sobre o infinito, que consideram com razão ser anterior ao finito e do qual o é apenas uma limitação. Ele afirma (Vol. 1, p.303) que se a mente tivesse uma clara e distinta contemplação do infinito, o reverendo Malebranche não necessitaria tanto raciocínio para nos fazer pensar a respeito. Mas, pelo mesmo argumento rejeitar-se-ia o próprio simples e natural conhecimento que possuímos da divindade. Esses tipos de objeções são sem valor, pois há necessidade de trabalho e aplicação a fim de dar aos homens a necessária atenção para as noções mais simples e raramente pode-se ser bem sucedido em fazer isso exceto chamando-os de volta de suas dissipações. Este também é o motivo pelo qual os teólogos, que têm escrito obras sobre a eternidade, necessitam de muitos discursos, comparações e exemplos a fim de tornar isto melhor entendido, embora nada exista de mais simples do que a noção de eternidade. Mas o fato é que tudo depende da atenção em tais questões. O autor acrescenta (Vol. 1, p.307) que no assim denominado conhecimento do infinito, a mente apenas vê que as extensões podem ser colocadas do princípio ao fim e repetidas tanto quanto de desejo. Muito bem, mas este autor poderia considerar que conhecendo que esta repetição sempre pode ser feita já muito de conhecendo do infinito.

7) No seu segundo volume o mesmo autor examina a teologia natural do padre Malebranche, mas seu início parece-me ser muito extravagante, embora afirme representar apenas as suspeitas de outros. Quando este padre afirma que Deus é ser em geral, isto é tido como sendo vago e ser nocional, como o gênero na lógica; e ele não está distante de acusar o padre Malebranche de ateísmo. Mas acredito que o padre não quer dizer um vago e indeterminado ser, mas um ser absoluto, que difere de seres particulares limitados como o espaço, absoluto e sem limites, difere de um círculo e de um quadrado.

8) É mais razoável combater-se a opinião do padre Malebranche sobre as idéias. Pois não há necessidade (assim parece) de tomá-las por algo que está fora de nós. É suficiente considerar as idéias como noções, isto é, como modificações da nossa alma. É deste modo que a Escola, o senhor Descartes e o senhor Arnauld as compreendem. Mas como Deus é a fonte dos possíveis e conseqüentemente das idéias, pode-se desculpar e

mesmo elogiar este padre por ter alterado os termos e por ter dado um significado mais refinado às idéias ao distingui-las de noções e tomando-as como perfeições que existem em Deus, em que participamos através do nosso conhecimento. Esta linguagem mística do padre, portanto, não era necessária, mas a considerarei útil, pois nos permite melhor encarar nossa dependência de Deus. Parece mesmo que Platão abordou essas idéias e como Santo Agostinho falou sobre a verdade, eles possuíam pensamentos similares, que considero muito razoáveis e esta é a parte em que o sistema do padre Malebranche que estaria muito feliz em manter com as frases e fórmulas que dele dependem, assim como estou muito feliz em manter a parte mais sólida da teologia dos místicos. E do que disse até o momento, com o autor da Refutação (Vol. 2, p. 304), que o sistema de Santo Agostinho está um pouco contaminado pela linguagem e opiniões de Platão, gostaria de afirmar que é enriquecido por elas e que dão crédito a ela.

9) Posso dizer quase o mesmo da opinião do padre Malebranche quando ele afirma que nós vemos todas as coisas em Deus. Afirmando que esta é uma expressão que se pode desculpar ou mesmo elogiar, contanto que a entendamos corretamente, pois é mais fácil errar a respeito disto do que sobre os precedentes artigos sobre as idéias. Por isso é bom considerar que, não apenas no sistema do padre Malebranche, como também no meu, apenas Deus é o objeto externo imediato das almas, exercendo sobre elas uma influência real. E embora a Escola comum pareça permitir outras influências por meio de certas espécies, que acreditam ser objetos enviados para o interior da alma, não deixam de reconhecer que todas as nossas perfeições são uma contínua dádiva de Deus e uma limitada participação em Sua infinita perfeição. O que nos é suficiente pensar que aquilo que é verdadeiro e bom em nosso conhecimento é também uma emanção da luz de Deus e que é neste sentido que se pode afirmar que vemos coisas em Deus.

10) O terceiro volume refuta o sistema de teologia revelada do reverendo Malebranche, especialmente quanto à graça e predestinação. Mas como não estudei suficientemente as particulares opiniões teológicas deste autor, e como acredito ter suficientemente esclarecido a questão em meus *Ensaio de Teodicéia*, abster-me-ei de abordar esta questão.

Resta-me agora, senhor, abordar a questão da teologia natural dos chineses segundo o que o jesuíta Pe. Longobardi e o Pe. Antoine de S. Marie da ordem dos Menores nos dizem em tratados que o senhor me enviou no intuito de saber minha opinião, bem como sobre o modo como o reverendo Malebranche começou a doutrinar um chinês letrado em nossa teologia, mas isto exige uma carta em separado.